



PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: EPISTEMOLOGIA, ARQUIVO E AUTORIA NEGRA¹

Janaina Barros Silva Viana²

Resumo: Este artigo configura-se no presente debate sobre uma produção de autoria negra múltipla em seus discursos visuais e estratégias de leitura na arte contemporânea brasileira. A proposição de uma escrita contranarrativa dá-se a partir da pesquisa documental *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo* que compreende a pesquisa e a formação de arquivos sobre artistas negros que participaram da Mostra Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo, entre o período de 1994 a 2017, em diálogo com outras produções contemporâneas. Bem como, a perspectiva de curadores e agentes culturais sobre esta cena.

Palavras-chave: arquivo; epistemologia; arte contemporânea brasileira; autoria negra; Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo.

BEYOND THE FRONTIERS OF CONTEMPORARY BRAZILIAN ART: EPISTEMOLOGY, ARCHIVES AND BLACK AUTHORSHIP

Abstract: This article discuss the current question on a production of plural black authorship in their visual discourses and reading strategies in contemporary brazilian art. The proposition of a counter-narrative writing comes from the documentary research *The afro-Brazilian scene in the visual arts of São Paulo* that includes the research and the formation of archives about black artists who participated in the Program of Exhibitions of the Centro Cultural São Paulo, between the period from 1994 to 2017, in dialogue with other contemporary productions. As well as, the perspective of curators and cultural agents on this scene.

Keywords: archives; epistemology; contemporary brazilian art; black authorship; Program of Exhibitions Centro Cultural São Paulo.

AU-DELÀ DES FRONTIÈRES DE L'ART CONTEMPORAIN BRÉSILIEN: L'ÉPISTÉMOLOGIE, L'ARCHIVISTIQUE ET L'AUTEUR NOIR

Résumé: Cet article est configuré dans le présent débat sur la production créative multiple chez les auteurs noirs, leurs discours visuels et leurs stratégies de lecture dans l'art contemporain brésilien. La scène afro-brésilienne dans les arts visuels de São Paulo comprend la recherche et la formation d'archives sur des artistes noirs qui ayant participé au programme d'exposition du Centro Cultural São Paulo, entre 1994 et 2017, en dialogue avec d'autres productions contemporaines. Ainsi que la perspective des conservateurs et des agents culturels sur cette scène.

¹ Este texto é uma versão resumida de um dos capítulos da tese *A invisível luz que projeta a sombra do agora: gênero, artefato e epistemologias na arte contemporânea brasileira de autoria negra* (2018). Defendida pelo Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo.

² Doutorado pelo Programa de Pós-graduação em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo. Pós-doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. *E-mail:* jbarrossilvaviana@gmail.com



Mots-clés: archives; épistémologie; art contemporain brésilien; droits d'auteur noirs; Programme d'expositions du Centro Cultural São Paulo.

ADEMÁS DE LAS FRONTERAS DEL ARTE BRASILEÑO CONTEMPORÁNEO: EPISTEMOLOGÍA, ARCHIVO Y AUTORÍA NEGRA

Resumen: Este artículo se refleja el actual debate acerca una producción de autoría negra múltiple en sus discursos visuales y estrategias de lectura en el arte brasileño contemporáneo. La escena afro-brasileña en las artes visuales de São Paulo que abarca la investigación y la formación de archivos sobre artistas negros que participaron en la Muestra Programa de Exposiciones del Centro Cultural São Paulo, entre el período de 1994 a 2017, en diálogo con otras producciones contemporáneas. Así como, la perspectiva de los curadores y agentes culturales sobre esta escena.

Palabras clave: archive; epistemología; arte brasileño contemporáneo; autoría negra; Programa de Exposiciones Centro Cultural São Paulo.

PARA ALÉM DAS FRONTEIRAS DA ARTE CONTEMPORÂNEA BRASILEIRA: A CENA AFRO-BRASILEIRA NAS ARTES VISUAIS EM SÃO PAULO

Pensar a ideia de uma cena afro-brasileira nas artes visuais em São Paulo compreende pensar diferentes maneiras de reescritas de si. A noção de autoria cabe nesta escrita como um caminho para evidenciar cada experiência e possíveis leituras deste momento de intenso debate sobre esta produção em instituições artísticas e culturais. Portanto, retoma-se um percurso histórico assimétrico que submenciona ou torna invisível parte de uma produção de autoria negra múltipla em seus discursos visuais e estratégias de leituras. Esta reescrita contranarrativa dá-se a partir da pesquisa documental *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo*. A pesquisa foi contemplada por meio do edital público Prêmio Pesquisador 2017, Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo.³ Neste sentido, ressalta-se a importante contribuição desta instituição artística e cultural por meio da presença de artistas negros referenciais que participaram do Programa de Exposições desde 1994. Além de esta pesquisa abranger outras autorias negras que evidenciam a urgência deste momento. Os seguintes nomes fizeram parte da mostra durante o período de 1994 a 2017: a artista visual, pesquisadora, curadora e professora Rosana Paulino (II Mostra do Programa de Exposições de 1994), o artista visual Peter de Brito (I Mostra dos selecionados de

³ A construção deste arquivo físico e digital com entrevistas, levantamento de documentos, como artigos em jornais, revistas, dissertações, teses, catálogos de exposição, folder foi desenvolvida para o Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo.

fotografia. Programa anual de exposições fotográficas de 1998), o artista visual e professor Sidney Amaral (III Mostra do Programa de Exposições 2001)⁴, o artista visual, professor universitário e pesquisador Rommulo Vieira Conceição (III Mostra do Programa de exposições 2007), o artista visual Paulo Nazareth (I Mostra Programa de exposições 2009), o artista visual e pesquisador Rafael RG (Programa de Exposições 2010 e I Mostra de Programa de Exposições 2013), o artista visual Jaime Lauriano (II Mostra Programa de exposições de 2014), o artista visual Warley Desali (II Mostra Programa de exposições 2017) e, posteriormente ao período que abrangia a pesquisa, os artistas visuais, pesquisadores e professores Janaina Barros e Wagner Leite Viana (I Mostra Programa de exposições 2018).⁵

Outros nomes importantes para a reflexão a respeito de uma pesquisa poética múltipla em artes visuais foram acrescentados para este debate, como o artista visual, professor e curador Claudinei Roberto, fundador do espaço independente Ateliê Oço/Galeria Cinesol em 2004, o artista visual Dalton Paula, o artista visual, curador e pesquisador Daniel Lima, a artista visual, arquiteta e professora Eneida Sanches, o artista visual Flávio Cerqueira, o artista visual Jorge Lopes, a artista visual Lídia Lisboa, a artista visual e pesquisadora Michele Mattiuzzi, a artista visual Priscila Rezende, a artista visual, pesquisadora e professora Renata Felinto, a artista visual Sônia Gomes e o artista visual e pesquisador Tiago Gualberto.⁶ Dentre estes é possível citar os seguintes nomes que são representados respectivamente por galerias: Rommulo Vieira Conceição e Flávio Cerqueira (Casa Triângulo), Rafael RG e Dalton Paula (Sé Galeria), Sonia Gomes e Paulo Nazareth (Galeria Mendes Wood), Jaime Lauriano (Galeria Leme), Rosana Paulino (Galeria Superfície), Sidney Amaral (Galeria Pilar) e Lídia Lisboa (Galeria Rabieh). É importante ainda destacar a presença dos artistas Paulo Nazareth

⁴ O artista visual Sidney Amaral faleceu em maio de 2017.

⁵ Dos artistas que contribuem para a discussão de arte contemporânea e autoria negra foram selecionados na edição de 2018 do Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo também os artistas Anderson Gsé Silva, Santídio Pereira, Monica Ventura e Aline Motta.

⁶ O Ateliê Oço/Galeria Cinesol funcionava inicialmente em parte na residência do artista Claudinei Roberto que ficava na rua França Pinto na Vila Mariana. Além de partilhar de salas cedidas por pessoas simpatizantes ao projeto, como o espaço Annablume, localizado na Rua Padre Carvalho em Pinheiros, e Mobile Livros, na Praça Carlos Gomes no bairro da Liberdade. Nestes lugares aconteceram importantes exposições onde, posteriormente, fixou-se na Praça Carlos Gomes no número 115 durante o período de 2011 a 2014. Nessa continuidade do projeto foram mais de 30 exposições e eventos com ampla documentação. No Ateliê Oço/Galeria Cinesol participaram de exposições nomes como Rosana Paulino, Sidney Amaral, Wagner Celestino, Wagner Leite Viana, Marcelo D'Saete, André Ricardo, Janaina Barros, Luiz 83, Solange Ardila Tesla, Neco Soares, entre outros.



(2013) e Sonia Gomes (2016)⁷ na Bienal de Veneza em uma das principais mostras de arte contemporânea internacional. E, também, a participação do artista Dalton Paula na 32º Bienal Internacional de São Paulo - *Incerteza Viva* e sua premiação na SP Arte em 2016. Anteriormente, o artista foi contemplado pelo Prêmio *Rumos Artes Visuais 2011/2013* organizado pelo Itaú Cultural em São Paulo. Já a artista Michelle Mattiuzzi fez parte do programa de residência Capacete no contexto da *Documenta 14* em 2017. Mattiuzzi foi indicada ao Prêmio PIPA Online e estava em primeiro lugar com uma margem considerável de votos em relação a outros candidatos. Entretanto, nos momentos finais, houve uma mudança brusca, conforme sofria ataques de alguns internautas com mensagens de teor racista, misógino e gordofóbico. Assim, tornando-se a segunda colocada com 2.965 votos.

A leitura deste panorama artístico perpassa pela perspectiva de artistas de gerações distintas, bem como, o olhar dos seguintes curadores: Angélica de Moraes, Bruna Fetter, Diane Lima, Fabiana Lopes, Leno Veras, Renato Silva, Roberto Conduru, Tadeu Chiarelli, e Thiago de Paula. Soma-se, ainda, o debate entre formas de circulação e de agenciamentos na arte contemporânea que se entrelaçam com a mediação educativa, a circulação e a crítica de arte. Pode-se citar a Revista O Menelick 2º Ato criada pelo seu editor chefe José Nabor Júnior em 2010. Segundo Nabor Júnior, a revista possui como *intuito apresentar produções de artistas negros, de intelectuais negros (tendo) como eixo as artes, o campo das artes e da cultura*.⁸ E, por fim, a gestora do espaço cultural independente Aparelha Luzia, Érica Malunguinho, onde ela pretende tecer *uma narrativa preta* em que não exista hierarquias de produções de autorias negras nas artes.⁹ Diferentemente do sistema hegemônico da arte que não consegue absorvê-las, *porque tem mais contingente de pessoas pretas do que eles estão dispostos a receber e absorver pelos espaços institucionais*.¹⁰ Portanto, para a leitura desta cena ressalta-se algumas exposições importantes nos últimos anos que fundamentam este debate:

⁷ Na última edição da Bienal de Veneza foi selecionado o artista Ayrson Heráclito em 2017.

⁸ Trecho de transcrição de entrevista concedida por José Nabor Júnior à pesquisadora Janaina Barros Silva Viana para a pesquisa *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo* no dia 15 de junho de 2017.

⁹ Érica Malunguinho define a Aparelha Luzia, criada em 2016, localizada na região central de São Paulo, como um quilombo urbano.

¹⁰ Trecho de transcrição de entrevista concedida por Érica Malunguinho à pesquisadora Janaina Barros Silva Viana para esta pesquisa no dia 07 de setembro de 2017.



A exposição *Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca* (2016) com a curadoria de Tadeu Chiarelli. Os *encontros Diálogos Ausentes* que foi promovido pelo Instituto Itaú Cultural com uma programação composta por uma série de seminários onde se apresentava a produção de artistas negros em diferentes linguagens. O ciclo de encontros finalizou com a exposição também denominada *Diálogos Ausentes* (2016-2017) com a curadoria de Diane Lima e Rosana Paulino. *Metrópole: Experiência Paulistana* (2017), com a curadoria de Tadeu Chiarelli, na Estação Pinacoteca. A exposição *Modos de Ver o Brasil: Itaú Cultural 30 Anos* (2017), com curadoria de Paulo Herkenhoff, Thais Rivitti e Leno Veras ocorrida na Oca, Parque Ibirapuera, São Paulo. A exposição *São Paulo não é uma cidade* (2017) com curadoria de Paulo Herkenhoff e Leno Veras no SESC 24 de maio. Em um dos módulos, chamado Afro São Paulo, apresentava os impactos coloniais da escravidão na história da cidade até a atualidade, visto pelas perspectivas poéticas de Rosana Paulino, Jaime Lauriano e Raphael Escobar. *Agora Somos Todxs Negrxs* (2017) com curadoria de Daniel Lima no Galpão Videobrasil.¹¹ *Negros Indícios* (2017) com curadoria de Roberto Conduru em cartaz na Caixa Cultural São Paulo. *Não podemos construir o que não podemos imaginar primeiro* com curadoria de Jota Mombaça e Thiago de Paula dentro da Temporada de Projetos do Paço das Artes de 2017. A exposição itinerante *Pretatitudo: emergências, insurgências, afirmações da arte afro-brasileira contemporânea* (2018) com a curadoria de Claudinei Roberto da Silva no SESC Ribeirão Preto e SESC São Carlos. *Histórias afro-atlânticas* (2018) com a curadoria de Adriano Pedrosa e Lilia Schwarcz, além dos curadores convidados Ayrson Heráclito e Hélio Menezes e o curador assistente Tomás Toledo, realizada a partir da parceria do Museu de Arte de São Paulo (MASP) e o Instituto Tomie Ohtake como desdobramento da exposição *Histórias mestiças* (2014). São aproximadamente 400 obras de mais de 200 artistas, referentes ao acervo do MASP e de diferentes coleções brasileiras e internacionais.

SOBRE EPISTEMOLOGIAS, ARQUIVO E ARTE CONTEMPORÂNEA: POR QUE PRECISAMOS DISCUTIR AUTORIA NEGRA NA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA?

¹¹ O título faz menção ao artigo 14 da Constituição do Haiti de 1805.



O Centro Cultural São Paulo vem de um percurso histórico importante iniciado com a criação da Seção de Arte na Biblioteca Mario de Andrade onde se torna o primeiro núcleo de Arte Moderna do país em 1945. Posteriormente, este acervo é resguardado pela Pinacoteca Municipal de São Paulo a partir de sua fundação em 1961. Neste sentido, o mapeamento de uma história da arte brasileira contemporânea tem a sua continuidade com a inauguração do prédio do Centro Cultural São Paulo, com projeto arquitetônico de Eurico Prado Lopes e Luiz Teles em 1982.

O Programa Anual de Exposições tem seu surgimento em 1990, onde por meio de edital público tem mapeado a produção de artistas emergentes, bem como, refletido de modo pertinente sobre os diferentes debates presentes na arte contemporânea. A partir desse histórico, faz-se um recorte ao delinear uma cena afro-brasileira nas artes visuais em São Paulo a partir de seu conjunto documental referente ao Arquivo Multimeios. Este arquivo tem sua procedência no antigo IDART (Departamento de Informação e Documentação Artística) criado em 1975, pela Secretaria Municipal de Cultura, por meio do projeto concebido pela crítica de arte Maria Eugênia Franco. Esta cena de autoria negra aparece na história desta instituição com a realização da I Semana Brasileira de Cultura Negra, ocorrida no período de 13 a 18 de maio de 1979, sob a supervisão do Departamento de Documentação e Informação Artística da Secretaria Municipal de Cultura. A proposta do evento era realizar uma pesquisa em nível nacional sobre a presença da cultura negra na formação da cultura brasileira. Neste ínterim, ocorreu a conferência proferida pelo sociólogo e pesquisador Clóvis Moura *Da escravidão à marginalização*, paralelamente à exposição coletiva de quatro artistas residentes em Embu das Artes (SP). Houve ainda, a premiação na área de Artes Plásticas (Heitor dos Prazeres), Ciência Sociais (Roger Bastide), Cultura Popular (Solano Trindade), Literatura (Carolina Maria de Jesus), Música (Candeia) e Teatro (Zumbi).¹² Destaca-se dentro do Arquivo Multimeios do Centro Cultural São Paulo nomes referenciais da arte brasileira como Genilson Soares (1940), Rubem Valentim (1922-1991), Emanuel Araújo (1940), Edison da Luz (1940), Octávio Araújo (1926-2015), Edival Ramosa (1940-2015), Rosana Paulino (1967).

Para a pesquisa documental *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo* elaborou-se metodologicamente o roteiro de entrevista a partir de tópicos ou um

¹²Possivelmente o espetáculo *Sortilégio II: mistério negro de Zumbi redivivo* (1979), do ator, professor e dramaturgo Abdias do Nascimento que era encenado neste período.

conjunto predefinido de questões acerca de como artistas, agentes culturais no campo da crítica, gestão cultural e curadores compreendem a ideia de uma atual cena de autoria negra em diferentes instituições artísticas e culturais brasileiras. O que se apresenta no levantamento deste material é uma espécie de cartografia. Esta sinaliza a complexidade sobre o que é ser contemporâneo: estar mergulhado no tempo presente e deslocar-se como quem vê externamente esta narrativa; as construções de formas de condutas estéticas e éticas sobre aquilo que é produzido neste momento presente. Esse mapeamento ocorreu por meio de entrevistas documentadas em vídeo, áudio e transcrição. Mais o levantamento de fontes primárias sobre o tema: catálogos, folders, cartazes, registros fotográficos, revistas, vídeos, panfletos, textos críticos publicados em jornais e revistas, teses, dissertações. Portanto, o sentido de arquivo nesta pesquisa torna-se uma questão fundamental, pois parte de uma série de fatos, objetos, registros de imagens, vídeo e áudio. Enfim, tudo que possa se constituir como história: o ato de acionar memórias, o ato de fazer e agenciar a própria história. E, ainda os modos de narrá-la. Justamente sobre isso que a curadora espanhola Elvira Dyangani Ose aborda no texto *Usos de memória*, publicado no caderno SESC_Videobrasil 10, 2014/2015, quando diz que seja para historiadores, seja para artistas, qualquer tentativa de escrever a história envolve necessariamente lançar-se em um processo inicial de arquivamento, no intuito de alcançar, ou pelo menos aspirar a alcançar, a meta da fidedignidade histórica. No entanto, a escritura da História nem sempre obedece a verdade, tampouco está isenta dos sistemas sociais de poder que envolvem essa compilação inicial de documentos. Como nos lembra Ricoeur, a reunião de evidências documentais não produz, necessariamente fidedignidade histórica. Ou como diria Hernández Velázquez, a ficção é um componente necessário de *qualquer* história.¹³

Dessa maneira, destacam-se como percurso metodológico os seguintes passos da pesquisa *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo*, Prêmio Pesquisador 2017, Programa de Exposições do Centro Cultural São Paulo para o Arquivo Multimeios:

1. Levantamento bibliográfico de diferentes fontes primárias de pesquisa acerca dos múltiplos discursos autorais a respeito do debate interseccional de raça, gênero e

¹³ OSE, Elvira Dyangani. Usos de memória. In: *Cadernos Sesc Videobrasil: usos da memória*. Curadoria Elvira Dyangani Ose. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, n.10, 2014. Anual, p.07-08.

classe na arte contemporânea em instituições culturais, galerias e museus a partir dos próprios artistas, curadores e outros agentes culturais relevantes para esta pesquisa.

2. O mapeamento destas produções em instituições culturais, galerias e museus onde as obras destes artistas estiveram ou fazem parte de acervo em exposições em cartaz nos últimos três anos.

3. A produção de arquivo de materiais institucionais correspondentes a cada artista tanto em formato físico coletados nas instituições como catálogos, folders, revistas, livretos, panfletos. Ou, mesmo, materiais cedidos do arquivo pessoal dos artistas, curadores e editor de revista. Além de levantamento de material digital como teses, dissertações, textos críticos publicados em jornais e revistas, registro fotográficos de performances, de exposições, de ateliês, retratos das pessoas entrevistadas.

4. A discussão acerca de estratégias de leituras em torno deste panorama artístico por meio de entrevista na forma de vídeo, áudio e transcrição de áudio.

Dessa maneira, levanta-se como problemática o porquê de se revisitar ou confrontar histórias hegemônicas na forma de arquivo pessoal e/ou coletivo numa autoria negra na arte contemporânea brasileira. Na mesma medida, compreender como estas narrativas dentro de micro e macro políticas sinalizam formas agenciadoras de produção e circulação de visualidades. Ao mesmo tempo, que se trata de uma narrativa que se encontra sendo escrita ainda. Neste aspecto, a importância sobre a representatividade de autores negros, em diferentes setores da sociedade, reflete também nos debates contemporâneos sobre raça, em seu sentido político, na produção artística contemporânea como forma de legitimar vozes e de construção política e social por equidade de direitos. Várias questões tornaram-se cruciais para as possíveis estratégias de leituras em torno deste panorama artístico, os seus lugares de circulação e investigação poética: O que definiria um artista negro ou uma artista negra? De que maneira constituem-se o seu processo formativo? Quais os campos de atuação profissionais desses artistas? O que cada artista entende por método? Quais termos utilizam para definir o seu percurso investigativo? Quais tipos de discussões formais e conceituais têm sido realizadas por essa autoria? As escolhas de determinadas terminologias, como por exemplo, arte afro-brasileira confere algum tipo de imaginário acerca destas produções? Que tipo de produção se espera destes artistas? Em tempos de tecnologias e sistema de comunicação em redes como os artistas estabelecem entre si



trocas interculturais? Como ocorre esse processo de mapeamento dessas produções? Por que em determinados títulos de exposições que se propõe a levantar a temática negra nas artes esta questão aparece como ausência? Qual o tipo de proposição é feita quando se evidencia um processo estrutural de exclusão? Isto pode implicar num direcionamento de pesquisas e discursos dos artistas em circulação? Que tipos de discussões as instituições tem feito? Como curadoras e curadores entendem esta visualidade? Que tipo de diálogo curadores e artistas têm estabelecido? Qual é o papel da crítica nesse debate? Quais aspectos são considerados de pertinência para o debate em torno da arte contemporânea? Todos os artistas pesquisados possuem a mesma circulação? Qual seria a razão desse fenômeno para entender estas assimetrias? Uma supervisibilidade significa que o artista está inserido no mercado e consegue viver de seu trabalho? Quais desdobramentos dessa cena nos próximos anos? Em que momento as instituições artísticas e culturais começaram a ter interesse por estas produções? É possível identificar o porquê desse fenômeno? É apenas uma espécie de moda ou onda mercadológica? Como os artistas entendem este debate a qual estão inseridos? Qual o lugar da pesquisa neste processo? De que modo se evidencia essas contranarrativas e suas epistemologias a partir de autorias tão plurais? Afinal, o que é uma produção contemporânea de autoria negra?

No artigo *A era do humanismo está terminando*, publicado originalmente no Mail & Guardian da África do Sul em 22 de dezembro de 2016, Achille Mbembe aborda a impossibilidade de alguma vida política presente no contexto econômico e político do capitalismo neoliberal. O que seria para Mbembe uma importante problemática a ser considerada neste século, pois esta impossibilidade perpetua formas de desigualdades. Infelizmente, segundo o autor, este é um movimento contínuo de crescimento exponencial. Para ele, *os conflitos sociais tomarão cada vez mais a forma de racismo, ultranacionalismo, sexismo, rivalidades étnicas e religiosas, xenofobia, homofobia e outras paixões mortais*.¹⁴ E, conseqüentemente, pesarosamente coexistentes com aquilo que Mbembe diz sobre a *difamação de virtudes como o cuidado, a compaixão e a generosidade*, como as formas de relações de poder que se pautam na concepção de ganhar não importa o meio. Ademais, este cenário político caberia também ao Brasil, torna-se assim uma urgência nestas poéticas ou práticas artísticas

¹⁴ MBEMBE, Achille. *A era do humanismo está terminando*. In: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>. Acesso: 18/08/2017.

rediscutir conscientemente o lugar multifacetado do artista negro, as construções de afetos e desafetos, os seus trânsitos sociais e outras pautas políticas de vida comunitária. Logo, estes lugares de retesamento anticolonial ou contracolonial de corpos negros em fazer história perpassam em muitas destas produções contemporâneas de modo singular em cada artista. São muitas formas de pensar negritudes. Tem-se uma série de sintaxes ou estilemas que apresentam sobre esta cena diferentes perspectivas do que se pode definir como arte afro-brasileira, ou entendê-las em sua complexidade inerente a um território estético-político da arte contemporânea brasileira.

REFERÊNCIAS

- A Pinacoteca do Município de São Paulo: Coleção de Arte da Cidade*. São Paulo: Banco Safra, 2005.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? e outros ensaios*. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- ARAÚJO, Emanuel (org.). *A mão afro-brasileira: significado da contribuição artística e histórica*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010.
- ARAÚJO, Emanuel (org.). *Museu Afro - Brasil: um conceito em perspectiva*. Projeto de implantação do Museu Afro - Brasil: Instituto Florestan Fernandes. São Paulo, 2006.
- BELTING, Hans. *O fim da história da arte*. Cosac Naify. São Paulo, 2006.
- CAMNITZER Luiz. *Arte contemporânea colonial*. In: COTRIM, Cecília; FERREIRA, Glória (orgs.). *Escritos de Artistas*. Anos 60/ 70. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CHIARELLI, Tadeu. *Sobre a mostra Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca*. In: *Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca/ curadoria Tadeu Chiarelli*. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2016.
- CONDURU, Roberto. *Arte Afro-brasileira*. Belo Horizonte. Minas Gerais: C/ Arte, 2007.
- CUNHA, Mariano Carneiro da. *Arte afro-brasileira*. In: Zanini, W. (org.) *História geral da Arte no Brasil*. São Paulo: Fundação Moreira Salles, 1983.
- DANTO, Arthur C. *Após o fim da arte. A arte contemporânea e os limites da história*. EDUSP. São Paulo, 2010.
- DUSSEL, Enrique. *Europa, modernidade e Eurocentrismo*. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires Lugar CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. In: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel.pdf. Acesso: 10/05/2016.

FOUCALT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Nova Vega, 2009.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

JÚNIOR, Nabor. São Paulo. Brasil. 15/06/2017. Gravação (36 minutos e 10 segundos). Entrevista concedida a Janaina Barros Silva Viana. Prêmio Pesquisador 2017, Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo. Projeto *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo*.

LOPES, Fabiana. *Território silenciado, território minado: contranarrativas na produção de artistas afro-brasileiros contemporâneos*. In: Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca/ curadoria Tadeu Chiarelli. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2016.

MALUNGUINHO, Érica. São Paulo. Brasil. 07/09/2017. Gravação (49 minutos e 15 segundos). Entrevista concedida a Janaina Barros Silva Viana. Prêmio Pesquisador 2017, Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo. Projeto *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo*.

MBEMBE, Achille. *A era do humanismo está terminando*. In: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/564255-achille-mbembe-a-era-do-humanismo-esta-terminando>. Acesso: 18/08/2017.

MUNANGA, Kabengele. *Arte afro-brasileira: o que é afinal?* In: Mostra do redescobrimento: Arte afro-brasileira. Nelson Aguilar (org.): Fundação Bienal de São Paulo. São Paulo: Associação Brasil 500 anos. Artes Visuais, 2000.

OSE, Elvira Dyangani. *Usos de memória*. In: Cadernos Sesc_Videobrasil: usos da memória. Curadoria Elvira Dyangani Ose. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, n.10, 2014. Anual,

QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. In: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_Quijano.pdf. Acesso: 10/02/2016.

ROBERTO, Claudinei. São Paulo. Brasil. 25/07/2017. Gravação. (44 minutos e 39 segundos). Entrevista concedida a Janaina Barros Silva Viana. Prêmio Pesquisador 2017, Programa de Exposições Centro Cultural São Paulo. Projeto *A cena afro-brasileira nas artes visuais de São Paulo*.

SANTOS, Renata Aparecida Felinto dos. *A construção da identidade afrodescendente por meio das artes visuais contemporâneas: estudos de produções e de poéticas*. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes, 2016.

SILVA, Claudinei Roberto da. *Quem reagiu está vivo. Arte e afrodescendência: mapeando territórios*. In: Territórios: artistas afrodescendentes no acervo da Pinacoteca/ curadoria Tadeu Chiarelli. São Paulo: Pinacoteca do Estado, 2016.

SILVA, Dilma de Melo. CALAÇA, Maria Cecília Felix. *Arte africana e afro-brasileira*. São Paulo: Terceira Margem, 2006.

VIANA, Janaina Barros Silva. *A invisível luz que projeta a sombra do agora: gênero, artefato e epistemologias na arte contemporânea brasileira de autoria negra*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo, 2018.



VIANA, Janaina Barros Silva. *Uma possível arte afro-brasileira: corporeidade e ancestralidade em quatro poéticas*. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais). Instituto de Artes da UNESP. Universidade Estadual Paulista. São Paulo, 2008.

VIANA, Wagner Leite. *Tipotetraletra: sobre arapucas, pesquisa, mukambus ou suporte*. Tese (Doutorado). Programa de Pós-graduação em Artes Visuais. Escola de Comunicações e Arte. Universidade de São Paulo, 2015.

Recebido em outubro de 2018
Aprovado em janeiro de 2019